



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS-TO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MATEUS FILHO VIEIRA DO NASCIMENTO

“O CORPO ENTRE A REDE, O ANZOL E O RIO”: SENTIDOS E
SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DA PESCA EM TOCANTINÓPOLIS- TO

Tocantinópolis/TO
2021

MATEUS FILHO VIEIRA DO NASCIMENTO

“O CORPO ENTRE A REDE, O ANZOL E O RIO”: SENTIDOS E
SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DA PESCA EM TOCANTINÓPOLIS- TO

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal
do Tocantins – Campus Universitário de
Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciado em
Educação Física, sob orientação do Prof. Dr. Mayrton
José Abrantes Farias.

Tocantinópolis/TO
2021

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- N244c Nascimento, Mateus Filho Vieira do.
O corpo entre a rede, o anzol e o rio: sentidos e significados da prática da pesca em Tocantinópolis-TO. / Mateus Filho Vieira do Nascimento. – Tocantinópolis, TO, 2021.
36 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação Física, 2021.
Orientador: Mayrhone José Abrantes Farias
1. Pesca e Lazer. 2. Meio Ambiente. 3. Prática corporal. 4. Cultura. I. Título
- CDD 796**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

MATEUS FILHO VIEIRA DO NASCIMENTO

“O CORPO ENTRE A REDE O ANZOL E O RIO”: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PRÁTICA
DA PESCA EM TOCANTINÓPOLIS - TO

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de Licenciado em Educação Física e aprovada em sua forma final pelo Orientador Prof. Dr. Mayrhone José Abrantes Farias e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mayrhone José Abrantes Farias (UFT) - Orientador

Prof.^a Dra. Lisiane Costa Claro (UFT) - Examinadora

Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza (UFT) - Examinador

Tocantinópolis -TO, 2021

*Agradeço a Deus, minha família e amigos,
em especial, minha Avó que já faleceu.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter dado força e me sustentar quando tudo parecia desmoronar ao meu redor. Sem a presença de Deus eu não teria conseguido superar os obstáculos e tampouco me levantar a cada caída.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais e irmãos, quero agradecer do fundo do meu coração, pois vocês são tudo na minha vida. Agradeço a minha avó que não está mais presente entre nós, por todo carinho e suporte para comigo ao iniciar a minha graduação. Aos amigos, sou eternamente grato pela força e companheirismo, e por terem me ajudado quando mais precisei. Enfim, agradeço a todos que tiveram contribuição direta na minha atuação docente. Quero agradecer aos professores do curso de Licenciatura em Educação Física pelos vastos ensinamentos que permitiram a minha formação. Em termos mais específicos, vocês são a causa de minha inspiração.

E por fim, agradeço ao meu orientador, a pessoa na qual sou grato pelo resto da minha vida. Fez-me acreditar que meu futuro dependia do meu esforço, do meu querer. Parte do que sou hoje devo a ele. Você é minha principal inspiração. Os ensinamentos que você mediou contribuíram de somativa em todo o processo. Ademais, deixo nessas singelas palavras, todo meu carinho e gratidão.

PESCARIA

Cesto de peixes no chão.

Cheio de peixes, o mar.

Cheiro de peixe pelo ar.

E peixes no chão.

Chora a espuma pela areia,

na maré cheia.

As mãos do mar vêm e vão,

as mãos do mar pela areia

onde os peixes estão.

As mãos do mar vêm e vão,

em vão.

Não chegarão

aos peixes do chão.

Por isso chora, na areia,

a espuma da maré cheia.

CECÍLIA MEIRELES

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender os sentidos e significados da pesca, enquanto prática corporal e de lazer, para a comunidade ribeirinha da cidade de Tocantinópolis/TO. A pesca, para além de atividade de subsistência e econômica da região, lança mão de técnicas corporais revestidas de significados sociais, que revelam perspectivas importantes acerca do cotidiano observado, que implicam diretamente na educação do corpo dos sujeitos. Entendendo que a Educação Física, como campo do conhecimento, precisa potencializar as várias formas de uso e apropriação do corpo, sobretudo, em seu sentido sociocultural e educativo, a prática da pesca pode ser um importante conteúdo no vasto acervo a ser problematizado, inclusive, no ambiente escolar. Isto posto, optamos por realizar uma pesquisa de campo, de caráter participante, o qual utilizamos como ferramentas de imersão na realidade investigada, a observação, a entrevista aberta e a construção de diários de campo. Ao todo foram 2 meses de imersão no campo, neste caso, parte das margens do rio Tocantins, entre outubro e novembro de 2020, durante 3 vezes por semana, em média 4 horas por dia, em que foram entrevistados pescadores e ribeirinhos, que nos possibilitou compreender a relevância da pesca de lazer como forma de “fuga” dos afazeres cotidianos, representando um momento de descanso e de recreação entre pares. Sendo assim, por meio da análise qualitativa dos registros de campo, também foi percebido uma intensa relação do rio como um espaço de trabalho, mas também de promoção de ludicidade e de encontros sociais indispensáveis para a comunidade. Outrossim, a relação aproximada entre os ribeirinhos e o meio ambiente, traz à tona a necessidade de aprofundamento sobre a interlocução corpo e natureza, muito caro para a Educação Física.

Palavras-chave: Pesca. Prática corporal. Lazer. Meio Ambiente.

ABSTRACT

This work aims to understand the senses and meanings of fishing, as a body and leisure practice, for the riverside community in the city of Tocantinópolis / TO. Fishing, in addition to subsistence and economic activity in the region, makes use of body techniques covered with social meanings, which reveal important perspectives about the observed daily life, which directly imply in the education of the subjects' bodies. Understanding that Physical Education, as a field of knowledge, needs to potentialize the various forms of use and appropriation of the body, especially in its sociocultural and educational sense, the practice of fishing can be an important content in the vast collection to be problematized, including, in the school environment. That said, we opted to carry out a participatory field research, which we used as tools of immersion in the investigated reality, observation, open interview and the construction of field diaries. Altogether it was 2 months of immersion in the field, in this case, part of the banks of the Tocantins River, between October and November 2020, for 3 times a week, on average 4 hours a day, in which fishermen and riverside dwellers were interviewed, who made it possible to understand the relevance of leisure fishing as a way of “escaping” from everyday chores, representing a moment of rest and recreation among peers. Thus, through the qualitative analysis of the field records, an intense relationship between the river was also perceived as a work space, but also for the promotion of playfulness and social gatherings that are indispensable for the community. Furthermore, the close relationship between riverside dwellers and the environment, brings to the fore the need to deepen the dialogue between body and nature, which is very expensive for Physical Education.

Keywords: Fishing. Body practice. Recreation. Environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Peixe conhecido como “Mandí-cabeça-de-ferro”	21
Figura 02- Pesca com linhada e vara de bambu.....	23
Figura 03- Pescado na Orla de Tocantinópolis-TO (Beira Rio)	26
Figura 04- Pesca com vara de bambu	27
Figura 05- Crianças pescando	28
Figura 06- Lambari: Peixe nativo do rio Tocantins.....	30
Figura 07- Pescadora utilizando uma vara telescópica	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OIT	Organização Internacional do Trabalho
FAO	Food and Agriculture Organization of the United Nations (Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação)

SUMÁRIO

1	“PREPARANDO A TARRAFA”: INTRODUZINDO O ESTUDO	13
2	OBJETIVOS	17
2.1	Objetivo Geral.....	17
2.2	Objetivos Específicos.....	17
3	“LANÇANDO A TARRAFA NO RIO”: PERCURSOS METODOLÓGICOS	18
4	“AFUNDANDO A TARRAFA E RECOLHENDO ..” DELINEAMENTOS CONCEITUAIS.....	20
4.1	Características gerais e tipologias da pesca.....	20
4.2	A prática da pesca e o Meio Ambiente.....	22
4.3	Alinhavando diálogos entre a Pesca e a Educação Física	23
5	PESCANDO OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PESCA NO RIO TOCANTINS	25
6	“RECOLHENDO A TRALHA...” CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. “PREPARANDO A TARRAFA¹”: INTRODUZINDO O ESTUDO

A pesca pode ser considerada uma prática corporal que lança mão de técnicas corporais muito peculiares que dispõe de finalidades diversas, dentre as quais a subsistência e o lazer. Há indícios que começou a ser praticada há milhares de anos pelos homens primitivos que habitaram a terra, que se deslocavam buscando melhores condições ambientais e na busca de alimentos, como frutos, raízes, folhas e pequenos animais aquáticos (JENNINGS *et al*, 2001).

A primeira manifestação da pesca se deu através do uso de implementos de redes e lanças. O anzol, que era feito de ossos pontiagudos, só foi criado centenas de anos depois. A abundância de peixes em rios e lagos contribuiu de forma significativa para o aumento dessa prática, a qual passou a ser comum nas primeiras civilizações que se instalaram as margens dos rios (DIEGUES, 1983).

Sob um ponto de vista mais difundido, a pesca seria a ação de retirar animais aquáticos do meio em que vivem, sob os mais variados fins, tais como alimentação, diversão (pesque e solte) e economia (venda desses organismos no mercado). De acordo com os dicionários de Houaiss (2004, p. 597) e Ferreira (1999, p. p. 1555), a pesca consiste na “ação de se apanhar, físgar alguma coisa” e “fazer o recolhimento de algo da água”. Entretanto, pescador é o sujeito que usa técnicas e “artimanhas” com o uso de acessórios para realizar a captura desses organismos nos mais variados ambientes aquáticos. O ser humano evoluiu no jeito de “pescar” no decorrer dos tempos. Redes, anzóis e outros apetrechos das mais variadas formas e tamanhos foram aperfeiçoados para que houvesse maior êxito na captura (MARRUL FILHO, 2003).

De acordo com a FAO – sigla no inglês para Agência das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (2009), a pesca vem sofrendo grandes problemas de abrangência mundial, dentre elas a pesca predatória e a péssima qualidade da água causada pelos despejos de lixo e de materiais tóxicos, que contribuem decisivamente para o colapso dos ecossistemas e o mau andamento dos nichos ecológicos. Sobre a pesca predatória, Silva (2000) salienta que a conduta do pescador acaba determinando o teor da ação que está imprimindo em relação a pesca. Em adição, FAO(2009), aponta que os recursos pesqueiros estão ameaçados e a pesca mundial enfrenta uma crise e isto se evidencia pela redução da produção desde meados

¹ Artefato bastante utilizado na pesca local. Consiste em uma espécie de rede com metais em suas extremidades, cuja finalidade é auxiliar na sua imersão e, conseqüentemente, na captura do peixe. Optamos por utilizar expressões relativas a pesca em todos os capítulos, como forma de proporcionar ao leitor uma sensibilização maior ao conteúdo proposto.

dos anos 1980. Isto posto, a pesca, muito além de uma prática, expõe traços socioambientais de caráter global e regional, sobretudo, das bacias hidrográficas.

No que se diz respeito às especificidades da cidade de Tocantinópolis, situada no Norte do Tocantins, na região do Bico do Papagaio, na entrada da Amazônia legal, o Rio Tocantins detém grande representatividade. Ademais, Ferraz (2000), reforça em seu estudo que o rio faz a divisa entre a cidade de Tocantinópolis - TO e Porto Franco - MA; e oferece inúmeras possibilidades de investigação, dentre elas o lazer, ecoturismo e a própria pesca. O rio Tocantins abriga uma extensa variedade de animais e vegetais, garantindo o bom andamento das cadeias alimentares e dos nichos ecológicos. Em períodos chuvosos, o rio apresenta grandes volumes cúbicos de água, sendo que o aumento do nível se dá em função da usina hidrelétrica de Estreito-MA. Já em períodos de seca, o nível do rio cai de forma drástica, dando lugar a paisagens paradisíacas, em especial as praias, como a “Ilha da Nossa Senhora dos Navegantes” e “Ilha de caras”, sendo forte referência no âmbito do turismo.

Em vista disso, há uma série de questionamentos que recaem sobre essa temática, que transitam entre questões sociais, culturais, ambientais, dentre as quais, citamos: por que a pesca é tão pouco abordada e estudada, sendo que ela dialoga diretamente com temas transversais no âmbito da Educação, tais como a Educação Ambiental? Porque há poucas publicações que tratam da pesca no campo da Educação Física? Outrossim, de maneira mais específica, propomos os seguintes problemas de pesquisa: quais os sentidos e significados da pesca para a comunidade ribeirinha da cidade de Tocantinópolis? a maneira como se “pesca” reflete na identidade cultural da comunidade estudada? Uma proposta de intervenção com o tema pesca seria uma solução viável para discutir várias questões suscitadas por meio dela, dentre as quais preservação do meio ambiente, esportes de aventura, práticas de lazer sustentável?

A priori, a pesquisa poderá contribuir de forma somativa para um maior entendimento acerca da correlação entre pesca e Educação Física. A pesca, enquanto prática corporal dispõe de valor econômico e simbólico para a comunidade estudada e que, além disso, dialoga diretamente com os estudos do lazer, que abrangem os interesses da Educação Física. Ademais, o estudo em questão possibilitará a abordagem paralela das noções ambientais, fomentando a importância da preservação do rio e de todo o bioma da região.

Ao abordarmos o tema meio ambiente, remetemo-nos à cultura corporal, uma vez que essa se constitui a partir das formas de uso do “corpo” pelos sujeitos, na administração as necessidades cotidianas. Em adição, a Anfope (2004) reforça que ela pode ser encarada como um conjunto de significações dentro do universo da Educação Física, uma vez que ela dispõe de infinitas possibilidades a serem abordadas no âmbito escolar. Em direção a esses

pressupostos, tais compreensões resultam de sentidos e significados emergentes da cultura, forjando relações sociais essenciais para a sociedade (MAUSS, 2003).

De acordo com Lorezento e Matthiesen (2008) a cultura corporal insere um leque de técnicas corporais que podem ser vistos no nosso cotidiano, no entanto, muitas vezes a diversidade dos conteúdos não vivenciados nas aulas da Educação Física escolar, em detrimento de práticas esportivas mais conhecidas, pode revelar a existência de uma cultura hegemônica na escola. Desse modo, é indispensável romper com essa perspectiva de desprestígio à outras formas de vivência e expressão corporal, permitindo assim que outros conteúdos como a pesca possam ser prestigiados no currículo. Além de tudo, é essencial entender a importância da multidisciplinaridade para a compreensão dos sentidos de educação e de corpo subjacentes.

Ao delinear uma justificativa para a pesquisa, em um primeiro momento, pensando em lazer, a pesca possui ferramentas importantíssimas para garantir espaço no contexto da Educação Física, uma vez que assegura momentos recreativos no tempo-livre e de desprendimento do trabalho (ALMEIDA *et al.*, 2017). Para além disso, analisando os movimentos corporais que a pesca emprega, como arremessar, arrastar, lançar, puxar, podemos observar que ela promove vivências corporais presentes em outros conteúdos da cultura corporal, apesar de que tal evidência é pouco abordada em publicações no campo.

Portanto, a escassez de publicações que tratem dessa temática em 06 (seis) periódicos de caráter multidisciplinar da Educação Física (BRACHT *et al.*, 2011), demonstra um ponto chave, que requer discussão mais aperfeiçoada e, de certo modo, justifica a importância acadêmica do estudo. Ao realizar uma revisão de literatura, de caráter exploratório, a partir de uma busca detalhada nos *sites* digitais dos periódicos, sem previsão de marco temporal, pudemos observar nenhuma publicação referente ao tema pesca. A pesquisa consistiu na utilização do descritor “pesca” no campo de busca de cada periódico, sem especificar os tipos de pesca que existem. Nas Revista Brasileira de Ciência e Movimento (UCB), Revista Brasileira de ciência do Esporte, Motrivivência (UFSC), Revista da Educação Física (UEM), para nossa surpresa, não foram encontrados quaisquer artigos científicos que tratem especificamente da temática em questão. Enquanto nos periódicos, Revista Cadernos de Formação (RBCE) e Revista Movimento (UFRGS) dispuseram, cada um, 01(uma) publicação que trata especificamente da pesca, enquanto a revista Pensar a Prática (UFG), possui 2 (dois) títulos relacionados.

Outro argumento plausível, que recai na importância social da pesquisa é a interação dos pescadores com o meio ambiente e a importância da preservação, como já foi mencionado. Segundo Darido *et al.* (2006, p. 61): “Aproximar o ser humano da natureza parece ser um

caminho para a preservação do meio ambiente, pois um contato agradável, divertido e emocionante pode sensibilizar pessoas [...]”. Ademais, por se tratar de um tema transversal, pode contribuir de maneira mais significativa ao correlacionar os conteúdos da sua área com as questões ambientais (BRASIL, 1998b). Portanto, a pesca como acervo da cultura corporal brasileira, que adentra o berço da Amazônia legal, mais especificamente em Tocantinópolis – TO, dentro dessa perspectiva, serve de aliada em prol da preservação dos recursos hídricos e ao combate da pesca predatória.

Por conseguinte, apresentamos a disposição do texto em relação a cada etapa da monografia. O trabalho está organizado em 6 (seis) capítulos, dentre os quais o respectivo, intitulado, “Preparando a tarrafa: introduzindo o estudo” que contextualiza aspectos históricos da pesca, apresenta os apontamentos iniciais do estudo, a sua justificativa, o problema de pesquisa, O capítulo 02 expõe os objetivos da pesquisa; O capítulo 3, “Lançando a tarrafa no rio: delineamentos metodológicos”, descreve as principais decisões empreendidas na pesquisa, os métodos, técnicas utilizadas, o processo de imersão em campo e sua caracterização. “O capítulo 4, “Afundando e recolhendo”: Delineamentos conceituais”, subdividido em 3 subcapítulos, expõe a fundamentação teórica e conceitual a qual se baseia a pesquisa. Para isto, foi necessário recorrer a literatura concernente à temática. Ademais, as informações pesquisadas substanciaram na qualificação da presente pesquisa. O capítulo 5, “Pescando sentidos e significados da pesca no rio Tocantins”, apresenta os resultados e análises balizados pelos registros de campo. O capítulo 6, “Recolhendo a tralha”: considerações finais” apresenta um apanhado geral dos achados da pesquisa, enfatizando as principais conclusões acerca do tema desenvolvido.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender os sentidos e significados da pesca, enquanto prática corporal e de lazer para os pescadores da comunidade ribeirinha da cidade de Tocantinópolis/TO.

2.2 Objetivos Específicos

- Descrever a pesca na Comunidade beira Rio da cidade Tocantinópolis – TO;
- Conhecer as relações identificadas pelos pescadores em relação ao Rio Tocantins e as atividades desenvolvidas nele;
- Analisar as compreensões da comunidade em relação à pesca enquanto acervo cultural local, com implicações nas perspectivas de corpo para os próprios sujeitos.

3. “LANÇANDO A TERRAFA NO RIO”: PERCURSOS METODOLÓGICOS

Compomos o presente estudo sob abordagem qualitativa vislumbrando uma interação mais sensível entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos. Ademais, a pesquisa caracteriza-se enquanto de campo, em nível exploratório e de caráter participante. Como ferramentas de imersão na realidade investigada, utilizamos a observação, a entrevista aberta e a construção de diários de campo (SEVERINO2007).

Para Severino (2007, p. 120), “Pesquisa participante é aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência, participando de forma permanente e sistemática das atividades”. Desse modo, a participação durante as atividades de pesquisa propicia meios para que os registros sejam mais condizentes com a realidade dos sujeitos. No que se diz respeito às formas de produção dos registros de campo, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, fazendo adaptações sempre que necessário.

Dentro dessa perspectiva, ao nos colocarmos como “pesquisador” e “participante” da pesquisa, pudemos interagir de forma mais compartilhada com os pescadores. Ao observarmos e participarmos com os sujeitos em questão, fomos analisando e registrando em diários de campo todas as ações praticadas. Outrora, toda essa proximidade auxiliou em um maior engajamento dentro da pesquisa, em uma comunicação estreita e amigável com os envolvidos.

Ao todo foram 2 meses de imersão no campo, neste caso, parte das margens do rio Tocantins em Tocantinópolis - TO, entre Outubro e Novembro de 2020, durante 3 vezes por semana, em média 04 (quatro) horas por dia. Vale ressaltar que no processo de imersão e permanência em campo, foram tomados todos os cuidados éticos e protocolos sanitários por conta da pandemia do Corona Vírus, (COVID 19) em fase relativamente estável no período, com poucos casos de contaminação na cidade.

Durante os momentos de observação, além dos registros nos diários de campo, procuramos estar atentos aos acontecimentos no rio e ao redor dele, realizamos fotografias panorâmicas com um aparelho celular e abordamos, em ocasiões pontuais para entrevistas de pescadores e ribeirinhos.

Destacamos que, antes da pesquisa propriamente dita, realizamos um estudo exploratório que possibilitou um conhecimento inicial acerca do cenário a qual as atividades seriam desenvolvidas, facilitando o bom andamento do trabalho. Esses primeiros passos na fase exploratória, foram realizados na Comunidade “Beira Rio”, no intuito de conhecer como a pesca era praticada e averiguar seus sentidos e significados. Para Severino (2007), a pesquisa

exploratória levanta informações sobre um determinado objeto, mapeando as condições para a manifestação do mesmo.

Sendo assim, fomos compondo nossas impressões, sobretudo, a partir das observações dos sujeitos, suas interações, formas de manuseio dos artefatos da pesca, as formas de uso do corpo, tanto nos processos da pesca, quanto nos momentos “viviam” o rio, revelando aspectos tanto do ambiente, quanto dos próprios sujeitos. Por fim, no intuito de resguardar a identidade desses sujeitos, foram adotados nomes fictícios pelo pesquisador, os quais fazem menção ao próprio contexto da pesca, para representar suas falas no decorrer do texto, como forma de resguardar a identidade dos participantes e, dentro da sua originalidade, buscamos preservar suas imagens.

4. “AFUNDANDO A TARRAFA E RECOLHENDO...” DELINEAMENTOS CONCEITUAIS

O contexto que a pesca se encontra é bastante amplo e dialoga com inúmeras vertentes. Ao mesmo tempo que corresponde a uma atividade de caráter econômico e de subsistência, abrange finalidades de entretenimento, sendo a pesca amadora uma delas. Outrossim, a prática da pesca enquanto lazer ainda possui grande representatividade, uma vez que é recorrida nos tempos livres do trabalho e de fuga da rotina. Destacamos ainda, que ao partirmos para uma “investigação pesqueira”, precisamos nos atentar aos problemas que a pesca enfrenta, tais como destruição do habitat por meio da poluição, a pesca predatória etc. Desse modo, poderemos compreender características de como ela se manifesta, o meio na qual ela é praticada e seus tipos e variações.

Para além disso, o fato da pesca, ter um forte apelo do lúdico, do lazer e ainda expor reflexões em torno do corpo, carece de uma maior aproximação ao campo da Educação Física. Nos tópicos subsequentes problematizaremos alguns pontos indispensáveis para a compreensão multidimensional da pesca, abrangendo tanto aspectos técnicos e de manejo, suas tipologias, quanto alguns diálogos introdutórios com a própria Educação Física.

4.1 Características gerais e tipologias da pesca

Para ter êxito em uma pescaria, várias orientações têm que ser postas em prática. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1998) reforça que a pesca é uma das atividades mais rentáveis desenvolvida pelo ser humano, além de ser exaustiva e perigosa. De acordo com dados da Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (*Food and Agriculture Organization of the United Nations* – FAO), em média, quase 70 pescadores morrem diariamente em virtude de embarcações inapropriadas e desastres causados pela natureza (VIEGAS, 2008).

Em uma rotina de mapeamento junto a alguns pescadores que exercem a pesca nas margens do rio Tocantins da cidade de Tocantinópolis - TO, a pescadora experiente Matrinxã, deu o seguinte depoimento:

Pescar é muito bom. Desestressa. Quando vamos pescar, vamos aventurar. Quando o rio ‘tá’ cheio e a água fica suja, usamos linha de mão para pegar mandi-cabeça-de-ferro e aventurar nos mandi-moela. Usamos chumbada pesada e anzol meio. E quando ao rio ‘tá’ baixo, usamos mais varas de bambu para pegar os avoador. São espertos e ‘brabos’. Eles gostam de água mais limpa. Temos que ter cuidado com ferroada de Arraia e com o ferrão dos mandis porque dói demais (DIÁRIO DE CAMPO, 21/12/2020).

Na imagem abaixo, podemos ver a espécie de peixe conhecida como Mandi-cabeça-de-ferro, retratada na fala da pescadora.

Figura 01- Peixe conhecido como "Mandí-cabeça-de-ferro"



Fonte: Registros de campo.

A pesca sofreu alterações tanto no uso de apetrechos inovadores quanto na sua tipagem e seus métodos (MARRUL FILHO, 2003). O tipo de pesca empregada por cada pescador varia conforme a sua finalidade, sua região e seu habitat, dentre as possibilidades, destacamos:

A **pesca industrial**, que é um tipo de pesca praticada com fins econômicos voltados a indústria e sua produção é em grande escala. De acordo com a lei nº 11.959, a pesca industrial é a pesca praticada por pessoa física ou jurídica e envolve pescadores profissionais, empregados ou em regimes de parcerias por cotas-parte, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte com a finalidade comercial (BRASIL, 2010).

A **pesca artesanal**, que é aquela praticada como meio de subsistência e em vendas de pequenas escalas. Segundo a lei nº 11.959, a pesca artesanal é uma atividade praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção de próprios ou mediante um contrato de parceria, podendo atuar de forma desembarcada e utilizar embarcações de pequeno porte, ou seja, pesca praticada com pequenas embarcações com fins de consumo familiar e venda.

De acordo com a lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009 (BRASIL, 2009), a **pesca amadora** é uma prática não comercial realizada com equipamentos ou apetrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto. Já a **pesca esportiva** é aquela que requer certo tipo de autorização para ser praticada com a finalidade de recreação.

Em relação aos métodos de pesca temos as **artes passivas e ativas**. De acordo com Lagler (1978), **artes passivas** são aquelas que envolvem captura por meios de enredamento, aprisionamento ou pescaria com anzol (matapi, covo, curral, linha e anzol). Segundo King

(1995) e Hayes *et al.* (1996), as **artes ativas** se caracterizam pelo uso de redes ou apetrechos que se movimentam na captura dos organismos (rede de arrasto, tarrafas, arpão, puçá).

4.1 A prática da pesca e o Meio Ambiente

Ao considerar as muitas problemáticas referentes à pesca e ao meio ambiente no rio Tocantins na cidade de Tocantinópolis – TO, percebemos a importância da preservação desses habitats. De acordo com o relato da pescadora Piaba, que pratica a pesca há mais de 15 anos nas proximidades do rio, a pesca predatória cresceu muito no decorrer dos tempos. Na sua fala ela cita a seguinte afirmação: “[...] não há mais peixes como antes... O povo pescou demais e não respeitou o tempo de desova dos peixes... Quero ver até onde isso vai parar”. Segundo Silva (2000), a pescaria-matança é aquela em que o pescador tem o desejo de capturar a maior quantidade de peixes possível sem se preocupar com desequilíbrio que ela causa.

Para Prates (2007), a poluição é uma grande é um fator enfrentado pelo meio ambiente. O lixo que fica nas margens e dentro do rio causa sérios distúrbios ao ecossistema e deixa a paisagem comprometida. É imprescindível, desde o início, a participação dos pescadores e demais atores que dependem dessas áreas, sendo muito importante que a informação, a comunicação e, principalmente, a organização desses segmentos sejam eficientes.

O meio ambiente é um tema transversal e deve ser trabalhado tanto na escola quanto na comunidade por meio das ações dos governos. É a partir daí que a pesca pode ser trabalhada. Segundo o art. 27, § 1º, da Lei n. 9.985/2000, nas unidades de conservação, os órgãos e entidades ambientais promovem o ordenamento pesqueiro por meio do plano de manejo, documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais da criação da unidade, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais. Isso porque todas as unidades de conservação devem dispor de um plano de manejo, que deve abranger a área da unidade, sua zona de amortecimento e os corredores ecológicos, incluindo medidas com o fim de promover sua integração à vida econômica social das comunidades vizinhas.

Portanto, medidas de conscientização são práticas relevantes para garantir a preservação do meio ambiente. Nessas circunstâncias, manter a boa saúde desses ecossistemas pode garantir que o nicho ecológico e cadeias alimentares se solidifiquem, possibilitando que novas gerações possam usufruir dessas condições tão vitais para o futuro de inúmeras espécies, inclusive os ser humano. Sendo assim, a pesca pode ser um meio facilitador para discutir e intervir nesse tipo de problemática, uma vez que ela propõe práticas socioeducativas e subsidiárias para a proteção

do meio ambiente. Corroborando com a fala do pescador Aruanã, “*A preservação desses lugares é bom porque o mundo fica mais bonito, mais verde e mais limpo... os animais podem aumentar e nossas gerações têm de onde tirar algum sustento*”.

4.2 Alinhavando diálogos entre a Pesca e a Educação Física

O termo “atividade física” é definido, segundo Fraga (2012), com base no Glossário Temático de Promoção da Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), como toda movimentação corporal que implica em qualquer gasto de energia acima dos valores considerados como “estado de repouso”. Sendo assim, a pesca, em tese, já teria sua correlação assegurada com a Educação Física a partir de tal conceito.

Observando detalhadamente dois métodos, ativo/passivo de pesca (rede de arrastão e pesca com anzol), podemos verificar que há um tipo de movimento que implica ao pescador realizar até conseguir o produto final. Na “rede de arrastão”, como o próprio nome sugere, a rede é lançada e arrastada até que a captura seja completa. De acordo com Sainsbury (1996), essa técnica de pesca é a que requer maior gasto de energia, sobretudo em virtude da resistência do aparelho de pesca com a água durante a operação. No ato de puxar e arrastar a rede, vemos que há um grande consumo de energia por parte do pescador. Já na pescaria de anzol, tanto de linhada quanto a com a vara, o pescador executa dois tipos de movimentos articulares básicos: “flexão” e “extensão”. No momento do arremesso, usa o movimento de flexão em pequeno grau, e o de extensão em maior grau, enquanto no momento da recolhida usa-se o movimento de flexão em maior acentuação e extensão em pequena escala.

Figura 02- "Pesca com linhada e vara de bambu"



Fonte: Registros de campo.

Por outro lado, quando a noção de pesca é analisada sob uma perspectiva do lazer, por exemplo, já compreende dimensões que extrapolam uma perspectiva biológica de Educação Física, fazendo um apelo mais sociocultural, uma vez que faz menção às vivências realizadas no tempo livre das obrigações de trabalho (ISAYAMA, 2007).

A atividade pesqueira pode ser entendida também como uma prática corporal, revestida de sentidos e significados, a qual permeia os saberes que são transmitidos de geração a geração. O indivíduo constrói seus conhecimentos através das interações, das práticas advindas de um acervo cultural que ele está inserido. Compreende-se assim, utilizando a alegoria da própria pesca, que o sujeito “não nasce sabendo pescar”, “ele aprende a pescar” em conformidade com os estímulos do ambiente em que se encontra. Sendo assim, a cultura e a educação, contribuem para a aprendizagem e o aprimoramento das técnicas corporais que ele empregará para desenvolver a pesca em seu cotidiano (MAUSS, 2003).

Ademais, de acordo com o Coletivo de Autores (1992, p.39), O homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, ou desafios, ou necessidades humanas. Sendo assim, a pesca pode se situar no âmbito da cultura corporal como um conteúdo com forte apelo à natureza.

5. PESCANDO OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PESCA NO RIO TOCANTINS

Não só com barco, anzol, rede e outros apetrechos que se faz a pescaria. O sujeito está presente de forma contundente, pensando, agindo e forjando no corpo e com o corpo o seu “fazer” junto à natureza, que lhe acolhe e “oferta” os seus objetos de desejo. Essas impressões não são resultado tão somente de nossas experiências de pesquisa, mas da própria relação do pesquisador com o campo, um (re)encontro, que confrontou anseios e inquietações pessoais.

Desse modo, pesquisar a orla de Tocantinópolis, o Rio Tocantins, a comunidade do Beira Rio, a prática da pesca, nos exigiu uma vigilância metodológica importante, para não confundirmos os afetos com as evidências de pesquisa. Não quisemos com isso, de forma alguma, desprestigiar o aspecto emocional na composição do “eu pesquisador”, mas buscamos resguardar o “estranhamento” em campo, para tentar captar detalhes que nos fogem na lente da rotina.

Para Merleau-Ponty (1994), não há nada melhor que olhar o mundo com outros olhos, vislumbrando todo o movimento que nosso corpo é capaz de expressar. Foi com base nesse excerto, que pudemos, logo de início, perceber como aquela realidade era rica em tradições, crenças, significados culturais que ressoavam em cada momento da vivência com o rio. Consequentemente, tal averiguação também nos mostrou lugares, pessoas e ambientes que só um olhar imerso naquele “rio” de símbolos sociais poderia perceber.

Como já foi mencionado, a investigação foi catalogada e registrada durante todo o decorrer da pesquisa, sob os formatos de diários de campo (entre os meses de outubro, novembro e meados de dezembro de 2020), entrevistas abertas e fotografias. No decorrer da pesquisa foram observados fatos que pudessem subsidiar a composição dos sentidos e significados da pesca para eles.

Ao observarmos o rio, sob um parâmetro mais abrangente, percebemos que a atividade fluvial agrega muitos empregos formais e informais, para além da pesca. Os principais meios de locomoção no rio Tocantins são as balsas, barcos motorizados e as conhecidas “voadeiras”. Em meados de Julho, a cidade se transforma em um centro de atração turística conhecida por suas belas praias propiciada pela limpidez de suas belas águas. Ademais, a pesca, indubitavelmente é uma das principais atividades econômicas da região.

Como já referendado anteriormente, a pesca praticada no rio Tocantins é correlacionada com os mais variados tipos e finalidades de sua produção. Em relação à finalidade, foi verificada que a maior parte do pescado é voltada para os comércios locais e regionais. Entretanto, parte dessa renda é consumida pelas próprias famílias, justificando a importância da pesca para a

subsistência. Nesse sentido, levando em consideração os aspectos econômicos, a pesca supre boa parte da economia local. No que se diz respeito à perspectiva da pesca enquanto prática corporal, esta é realizada sob inúmeras modalidades, que se estende da pesca amadora a esportiva.

Porquanto, a pesca artesanal é notoriamente a mais praticada nos arredores do rio, ocupando um papel importante tanto nos dias livres (lazer), quanto no trabalho formal (econômica). Os apetrechos mais usados são: varas e anzóis, redes, tarrafas, arpões e redinhas. Entretanto, o rio vem sofrendo grandes impactos ambientais causados pela ação humana. A pesca predatória e a poluição são os principais problemas enfrentados atualmente (DIÁRIO DE CAMPO, 21/10/2020).

Na figura a seguir, podemos observar mais um dia rotineiro de pesca na orla tocantinopolina:

Figura 03- "Pescadores na Orla de Tocantinópolis - TO (Beira Rio)"



Fonte: Registros de campo.

Enquanto herança cultural, foi percebido, a partir das observações e diálogos com os ribeirinhos, que o ato de pescar, bem como todas suas peculiaridades, é repassado de geração a geração. Para além das formas de manuseio dos apetrechos e dos gestos empreendidos no ato de pescar, identificamos valores socioculturais existentes nesse multiverso, com forte apelo educativo. A título de exemplo, de forma recorrente, observamos pescadores experientes sendo tutores de iniciantes, orientando, indicando as “artimanhas”, que vão desde o melhor “tempo” para pescar, as principais iscas utilizadas para determinado peixe, qual “tralha²”, dentre outros (DIÁRIO DE CAMPO, 11/11/2020). De acordo com os autores Bornholdt e Wagner (2005, p. 83), a inserção da criança nessas experiências culturais/corporais faz com que o grau de

²Expressão popular local que corresponde a apetrecho.

parentesco se fortaleça e melhore o convívio interpessoal. De mais a mais, tais interações sociais ajudam no fortalecimento dos valores afetivos essenciais para a preservação e reprodução da pesca. Nesse sentido, as transmissões desses valores resultam num encontro entre o presente e o passado, como podemos perceber na figura abaixo, em que uma tia se encontra pescando com seu sobrinho:

Figura 04- "Pesca com vara de bambu"



Fonte: Registros de campo.

Os momentos com crianças no campo obtiveram certo destaque na composição dos registros, pois elas revelaram formas distintas de realização da pesca, por vezes se confundindo com uma brincadeira. Nesse sentido, a atmosfera lúdica construída pelos pequenos ao mesmo tempo que lhes proporcionava diversão, claramente os ensinava, sensivelmente, a lidar com o rio e o próprio ato de pescar. Segundo Brougère (2010), a brincadeira dispõe de uma dimensão simbólica, associada diretamente a representações do cotidiano, inclusive aspectos relacionados ao convívio social. Em acréscimo a tal discussão, Soares (2005, p. 60), prevê que as práticas corporais podem ser configuradas como “pedagogias que intervêm sobre os corpos”, uma vez que auxiliam na mediação entre o sujeito e sua cultura.

Um exemplo interessante da relação da pesca com a brincadeira é a pesca “com redinha”, que, segundo um relato de uma criança previsto no Diário de campo do dia 26/10/2020, ela “[...]engoliu vários peixinhos para aprender a nadar”. Essa crença popular corriqueira de que engolir alevinos ajudam a desenvolver o nado, faz parte da herança cultural de muitas pessoas da região e nutrem o imaginário lúdico infantil. Ainda sobre a pesca de “redinha”:

Os pescadores usam uma redinha de malha fina no formato triangular, em que, na parte de baixo, ficam duas pedras para que o artefato permaneça no fundo. Na parte

de cima há uma linha que se estende até a superfície da água e, na ponta dessa linha, fica uma boia, a qual serve para alertar quando o peixe fica “enroscado”. Os mergulhadores preferem colocar essa “mini rede” nos locais mais profundos. Como atrativo para os peixes, eles usam arroz cozido. Inicialmente, eles pegam duas pedras com o mesmo peso e extensão, porém não muito pesada. Depois disso, enrolam as pedras nas extremidades da redinha e nadam até o local almejado. Para implantar a redinha no fundo, eles prendem a respiração e mergulham até a zona profunda. Logo após o trajeto, eles retornam e pegam o arroz cozido e voltam para colocar onde a mini redinha foi “armada” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/10/2020).

Com base na descrição anterior prevista em diário ressaltamos que a pesca é sujeita a adaptações ao meio em que é vivido. Além do mais, a forma como essa adaptação ocorre emerge muitas vezes do processo de interação, em que a abordagem dada ao gesto incide no aprendizado e no próprio interesse aprendiz, sobretudo quando são crianças.

Em um outro ensejo, observamos um pai instruindo o filho a forma correta de se colocar a isca, seguindo da forma correta de como apanhar o peixe e a hora certa para fisgá-los. Tal cena demonstrou, mais uma vez, o quanto a prática da pesca é aprendida e, enquanto tradição, resguardada a técnica corporal, em um processo constante de troca de saberes (DIÁRIO DE CAMPO, 06/11/2021). Na figura a seguir, podemos observar a presença de várias crianças pescando:

Figura 05- "Crianças pescando"



Fonte: Registros de campo.

Igualmente, além das crianças, muitos adultos praticam a pesca para passar o tempo e se divertir. Esses momentos de descontração fortalecem laços entre pares e ressaltam a dimensão histórica e educativa do lazer presente na pesca, sobretudo por influenciar na estrutura social local (MARCELLINO, 1987). Foi observado que os momentos livres no rio, seja em um curto espaço de tempo ou durante muito tempo; é possível observar indivíduos nadando; pescando; interagindo ou sorrindo, os sujeitos se revigoram para o trabalho. Nesse sentido,

Marinho (1952, p. 34) destaca que a prática dessas atividades que geram prazer satisfaz o bem-estar físico, social e psíquico. Ademais, Teixeira e Figueiredo (1970, p.58) reforçam que esses momentos de lazer fazem com que as pessoas se sintam mais felizes, produtivas e saudáveis. Conforme o trecho do diário de campo abaixo:

Pelo relato da pescadora Jacundá, ocupar esse tempo livre é muito importante durante a pandemia. Para ela, o lazer estimula a paciência e aproximação com o meio ambiente, além de fortalecer o amor pela pesca. Pelo que eu observo, ela sempre zela pelo rio, pegando o lixo e conscientizando a população sobre o fato dela está poluindo o rio (DIÁRIO DE CAMPO, 26/10/2020).

Ao nos atentarmos as ações realizadas durante a pesca, percebemos que o corpo possui grande importância no processo. A título de ilustração, analisamos todo o itinerário de um pescador até o seu retorno para casa. Nesse sentido, salientamos que o “corpo pesqueiro” atua muito antes da sua ida ao rio Tocantins, sendo delineado desde a técnica usada para a captura do pescado até a limpeza do peixe as margens do rio. As etapas vistas no processo, nos fez compreender que os pescadores “servem-se” de seus corpos para chegar ao produto final, no caso o peixe limpo, apto para o consumo. Destacamos que, as margens do rio, existem locais onde os pescadores habitualmente limpam os peixes capturados. Além do mais, esse “ritual” simbólico, corresponde a um ciclo quase sagrado para os pescadores, em que o corpo atua como “vetor semântico”, sendo porta voz de sentidos (LE BRETON, 2006).

A pesquisa nos permitiu identificar, em dados momentos, uma preocupação dos sujeitos com a preservação do meio ambiente, apesar da quantidade de lixo nos arredores do rio Tocantins. A importância recai sobre a conscientização do habitat para que a fauna e a flora não sofram desequilíbrios ambientais. Por conseguinte, devemos salientar a necessidade da preservação do rio Tocantins para que as gerações futuras tenham a oportunidade de usufruir desses benefícios e conhecer os frutos do rio, dentre as quais os peixes nativos da região, como o Lambari, no registro fotográfico a seguir:

Figura 06- "Lambari: Peixe nativo do Rio Tocantins"



Fonte: Registros de campo.

Dessa forma, foi constatado que muitos pescadores optam pelas solturas de espécies de pequeno porte e espécies que estejam em risco de extinção, como podemos ver no excerto a seguir. A passagem do pescador Pirarucu registrada no Diário de campo do dia 19/11/2020 evidencia uma preocupação redobrada com as espécies de peixes nativos da região, por ser época da Piracema para que possam procriar.

[...] Respeitando a norma ambiental, todos os peixes que pegamos abaixo do padrão ou que ainda seja filhote, optamos por soltar. É importante que eles sejam soltos para que sua espécie possa dá continuidade à sua geração futura. Chegando no fim do dia, todos pegaram peixes e ficaram felizes. Depois, fomos limpar os peixes ali mesmo nas margens do rio [...].

Não só os cuidados ambientais, mas as formas como se realiza pesca também possuem significados peculiares para os sujeitos observados. Dependendo da região, a pesca é praticada de várias formas e todo esse repertório corporal compõe o acervo cultural. É notório que dependendo da espécie de peixe que se pretende capturar, há uma “tralha” e uma isca para ela. Por exemplo, quando há necessidade de capturar peixes de pequeno porte, como Carás e Piaus, os pescadores usam varas de bambu ou linhada, juntamente da isca mais próxima o possível da sua alimentação, como minhoca ou angu. Dessa forma, entendemos que o jeito como se pesca faz parte da identidade do pescador.

Ao longo da observação notamos que a maioria dos pescadores reproduzem o tipo de pesca que foi aprendido com seus familiares, encontrando eco na fala da pescadora “Jundiá”, a seguir: “[...] Durante a espera, uma pescadora comentou que a pesca significava muito para ela, pois ela herdou de sua mãe. E pescava com muito amor. Logo fiquei muito feliz com aquele depoimento[...]” (DIÁRIO DE CAMPO, 19/11/2020). Sendo assim, Almeida (2017, p.11) reforça que essas manifestações culturais são importantes porque esses grupos sociais podem

partilhar valores afetivos e trocas de saberes por meio das práticas corporais. Na imagem abaixo podemos observar uma pescadora com uma tralha bastante usada na pescaria:

Figura 07 - "Pescadora utilizando uma vara telescópica"



Fonte: Registros de campo.

O uso da vara apresentada na imagem, bem como a postura da pescadora, nos suscita uma reflexão em torno da evolução dos apetrechos da pescaria e o corpo do pescador. De acordo com a SEAP (2003), desde que a pesca começou a ser praticada, foi sendo aperfeiçoada, incorporando apetrechos resistentes e com a alta praticidade, para obter uma maior eficiência na captura. Nesse sentido, a evolução tecnológica ocorrida com o passar dos anos, ressignificou a pesca, com implicações na dinâmica social dos praticantes, bem como em seus corpos, uma vez que o ato de pescar representa muito mais que só lançar o anzol na água. Sendo assim, o artefato utilizado, ao mesmo tempo que proporciona uma melhor performance na captura, recorre a condutas e formas de uso do corpo.

De acordo com Vaz (2003), o corpo é um instrumento que o sujeito acaba por materializar suas experiências no tempo e no espaço. Sendo assim, a experiência corporal impressa na pesca é revestida de memórias, que revelam propósitos, finalidades e anseios. Ao observar os traços na pele dos ribeirinhos, em geral, com indícios de insolação, rugas, marcas de expressão, pudemos deduzir que esses pescadores carregam no corpo o seu cotidiano, forjado por muito trabalho e horas expostos ao sol escaldante do norte do Tocantins. Conforme Le Breton (2010, p.156): “[...] a vida do corpo invade toda vida, assim como a história do corpo invade toda história.” Dessa forma, a memória inscrita no próprio corpo, narra a história e expõe os efeitos do trabalho não apenas na pele, mas formação humana do ribeirinho.

Dessa maneira, ao “comer peixe”, pudemos identificar a importância desse alimento para a culinária local. Tendo o peixe como parte da composição alimentar, enfatizamos que

esse processo assume um significado afetivo-social para esses sujeitos que vai além de suprir suas necessidades nutricionais. O preparo do peixe ocorre de diversas maneiras, e em dadas situações, quase sempre são acompanhados por outros alimentos, como arroz, farinha, vinagrete e outros alimentos típicos da região Norte do Tocantins. Analisando a culinária local, a preparação do alimento varia de acordo com a necessidade, inclusive, ocorrendo muitas vezes na beira do rio para alimentar os pescadores. Quando optam por comer o peixe frito, os ribeirinhos limpam os peixes, logo em seguida eles cortam algumas aberturas no corpo do peixe, no modo que o sal consiga penetrar na carne e as espinhas sejam cortadas. Depois, coloca-se o óleo em uma panela e aguarda alguns minutos até ele ficar bem quente. Logo em seguida, coloca o peixe e espera ele fritar, ficando dourado e crocante (DIÁRIO DE CAMPO, 19/11/2020).

Oliveira e Almeida (2018), por meio da análise do “cumê no mato”, um ritual de interação próprio de uma comunidade de pescadores tradicionais do Cumbe, na cidade de Aracati – CE, desvelaram um sentido de diversão e de aproximação, provocado pelos encontros na beira do rio. Nesse sentido, a forma de preparo e a relação que estabelecem com a comida, também são aspectos que delinham os significados do pescado e da pesca para os sujeitos, revelando, ainda, que a diversão na partilha, fazem parte da comunidade estudada. Para Diegues (2004), o espírito da partilha na pesca é um componente essencial para que as pessoas possam fortalecer o espírito solidário. Desse modo, tais manifestações sociais corroboram na construção de uma preocupação coletiva, expressões de solidariedade que despertam sentimentos fundamentais para o convívio interpessoal.

Por fim, inferimos que a ocupação do beira-rio pelos pescadores, seja com finalidades econômicas, de subsistência, ou de lazer, expõem, subliminarmente, uma forma de resistência cultural. Assim sendo, dão proeminência a relação corpo e natureza construída no cotidiano de comunidades com traços tradicionais (ALMEIDA *et al.*, 2017).

6. “RECOLHENDO A TRALHA...” Considerações finais

A pesca enquanto prática corporal e de lazer, tem papel fundamental na cultura do povo tocantinopolino, desde sua origem até os dias atuais. Dada importância ao assunto, tornou-se relevante a busca em compreender como a pesca é praticada, bem como seus sentidos e significados para os pescadores e ribeirinhos da cidade. Suas ressignificações ajudam a entender como o “corpo pesqueiro” é trabalhado dentro da perspectiva sociocultural e educativa.

Historicamente, a pesca é uma das principais atividades econômicas desenvolvidas pela população local e, com o passar do tempo, potencializou ações de turismo. Os pescadores tocantinopolinos, por sua vez, usufruem das particularidades oferecidas pelo Rio Tocantins para (re)produzir práticas na esfera do trabalho, mas também, no âmbito do lazer.

Analisando de forma abrangente a prática da pesca em Tocantinópolis - TO, foi possível observar a tentativa de preservação do Meio Ambiente, muito embora, em dados momentos, tenhamos percebido certo descaso por parte da população na questão do acúmulo de lixo nas margens do Rio Tocantins. Desse modo, ao observarmos a riqueza das experiências corporais junto ao rio, atentamos para a necessidade do zelo e de uma maior averiguação dos órgãos ambientais para a conscientização e cuidado com a natureza.

Portanto, a partir dos registros e análises realizados na pesquisa, concluímos que a pesca possui sentidos e significados enraizados na cultura local, balizados por vários componentes, dentre os quais: a forma e manejo dos artefatos; os gestos e “artimanhas”; os processos de ensino e aprendizagem das técnicas corporais por meio da tradição; a forma de apropriação desses saberes pelas crianças; a imersão no rio como espaço de brincar e de construção de narrativas imaginárias; as “marcas” corporais oriundas do desgaste da vida laboral em exposição ao sol; as interações e vivências compartilhadas na beira do rio como a própria captura do peixe, a sua limpeza e a sua preparação; a relação corpo e natureza e a ocupação do espaço como constituidores de uma resistência cultural.

Desse modo, a presente pesquisa poderá contribuir de forma substancial para o prosseguimento da problematização da pesca no campo da Educação Física escolar, uma vez que é um tema ainda pouco explorado nas produções acadêmicas da área. Por ser uma prática corporal, com incidência nas vivências de lazer na região, poderá ajudar na conscientização da preservação do Meio Ambiente, podendo ser trabalhada em diálogo com outras áreas do conhecimento, promovendo ações de caráter transdisciplinar. Para trabalhos futuros, foram pensadas algumas possibilidades de abordar a pesca e seu potencial didático-pedagógico na escola, sobretudo, a partir do conteúdo jogos e brincadeiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, D. M. F.; VIEIRA, L. R.; SILVA, L.R.T.; ALMEIDA, A.J.M.; IWAMOTO, T.C.; PEDROSA, R.S., et al. Atividades físico-esportivas e as populações tradicionais no Brasil: indígenas, quilombolas e ribeirinhos. **Movimento é vida: Atividades Físicas e Esportivas para todas as pessoas**. Brasília:PNUD, 2017.
- ANFOPE. **Documento final X Encontro nacional**. Brasília, Anfope, 2000.
- BORNHOLDT, E.; WAGNER, A. A gravidez dá a luz da perspectiva paterna: aspectos relativos à transgeracionalidade. In: WAGNER, A. (Org.). **Como se perpetua a família? A Transmissão dos Modelos Familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BRACHT, Valter *et al.* A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 11-34, abr./jun., 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Geografia: ensino fundamental e ensino médio: o mar no espaço geográfico brasileiro**. Brasília: MEC/SEB, 2005. 304p. (Coleção explorando o ensino, v. 8)
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria da Vigilância em Saúde. **Glossário temático: promoção da saúde**. 1. ed., 2. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 48 p.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa de Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva – REVIZEE**. Brasília: MMA, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.
- _____. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, jun., 2009.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Traduzido por Gisela Wajskop. 8.ed. São Paulo, Cortez, 2010.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO, S. C. et al. **Educação Física e temas transversais: possibilidades de aplicação**. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 178.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 6. ed. ampliada. São Paulo: Hucitec, 2008.
- FERRAZ, Siney. **O movimento camponês no Bico do Papagaio: Sete Barracas em busca de um elo**. 2. ed. Imperatriz: Ética Editora, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Dicionário de língua portuguesa: século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRAGA, A. B. (2012). As práticas corporais e o lazer na contemporaneidade. In: ANAIS DO 2º COLÓQUIO EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS SOCIAIS EM DIÁLOGO. Piracicaba: UNIMEP. p. 28-29.

GARCIA, L. M. T.; SALVADOR, E. P.; SÁ, T. H.; FLORINDO, A. A. (2014). Association between leisure-time physical activity and long-term medication use in adults from a low socioeconomic region. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 16, n. 4, p. 371-380, 2014.

HAYES, D. B.; FERRETI, C. P.; TAYLOR, W. W. Active fish methods. In: MURPH, B. R.; WILLIS, D. W. **Fisheries e techniques**. Maryland AFS, p. 193-220, 1996.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ISAYAMA, H. F. Reflexões sobre os conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. In: N. C. Marcellino (Org.). **Lazer e cultura** (pp. 31 – 46). Campinas, SP: Alínea, 2007.

ITALIA. *Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación*. **El estado mundial de la pesca y la acuicultura**. Rome: FAO, 2009.

JENNINGS, Simon; KAISER, Michel J.; REYNOLDS, John D. **Marine Fisheries Ecology**. Blackwell Science Ltd, 2001. 438p.

KING, M. **Fisheries biology, assessment and management**. Fishing new books. Blackwell Science Ltd, 1995. 342p.

LANGLER, K. F. Capture, sampling and examination of fishes. In: BAGENAL, T. **Methods for assessment of fish production in fresh Waters**. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1978. p. 7 – 47.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo na Modernidade**. Rio de Janeiro: Ática, 2010.

LORENZETTO, L.A.; MATTHIESEN, S. Q. **Práticas Corporais Alternativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARINHO, Inezil Penna; et al. **Manual de Recreação: Orientação dos lazeres do trabalhador**. Rio de Janeiro: Ministério do trabalho, indústria e comércio, 1952.

MARRUL FILHO, Simão. **Crise e Sustentabilidade no uso dos Recursos Pesqueiros**. Brasília: Edições IBAMA, 2003. 147p.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naif, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Fontes, 1994.

OLIVEIRA, A. A. N.; ALMEIDA, D. F. Os significados das práticas corporais no tempo de lazer entre pescadores do Cumbe. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. v. 42, 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Enciclopédia de Salud y Seguridad em el Trabajo**. v.3. parte X. cap.66. Espanha: Ministério de Trabajo y Assuntos Sociales, 1998.

PRATES, A. P. L.; CORDEIRO, A. Z.; FERREIRA, B. P.; MAIDA, M. Unidades de conservação costeiras e marinhas de uso sustentável como instrumento para a gestão pesqueira. In: PRATES, Ana Paula; BLANC, Danielle (Orgs.). **Áreas aquáticas protegidas como instrumento de gestão pesqueira**. Brasília: MMA, 2007. (Série Áreas Protegidas do Brasil, 4).

PRATES, Ana Paula Leite. O plano nacional de áreas protegidas – o contexto das áreas costeiras e marinhas. In: PRATES, Ana Paula; BLANC, Danielle (Orgs.). **Áreas aquáticas protegidas como instrumento de gestão pesqueira**. Brasília: MMA, 2007. (Série Áreas Protegidas do Brasil, 4).

SAINSBURY, J. C. **CommercialFishingmethods:AnIntroductiontoVesselsandGears**. 3. ed. Fishing new books, 1996. 360p.

SECRETARIA ESPECIAL DA AQUICULTURA E PESCA - SEAP. **Exportações do pescado**. [S. L: s. n], 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. T. da. **Compromissos e competências do pescador esportivo**. 1 ed. Americana: Arte Escrita, 2000. 56 p.

SOARES, C. L. Práticas corporais: invenção de pedagogias? In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Orgs.). **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. v. 1. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.

TEIXEIRA, Mauro soares; FIGUEIREDO, Jarbas Sales. **Recreação para todos: manual teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Obelisco, 1970.

VAZ, Alexandre Fernandez. Memória e Progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade de Walter Benjamin. In: SOARES, Carmem Lúcia. **Corpos e História**. Campinas/SP: autores associados, 2003.

VIEGAS, C. **Reduzindo os riscos para o povo do mar. Proteção**, Novo Hamburgo, v. 21, n. 198, p. 32-49, jun. 2008.